

Muito lixo no caminho das águas

RISCO REAL
LIXO NO CAMINHO DA ÁGUA, UM CONVITE ÀS INUNDAÇÕES

MATEUS PARREIRAS

Imagine uma fileira de caminhões com as caçambas abarrotadas de lixo, entulho e resíduos, um à frente do outro, formando uma linha contínua da Praça 7, no Hipercentro de BH, até a Pampulha. É essa quantidade de detritos que a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) removeu das 18 bacias de retenção e drenagens da capital mineira, de janeiro a setembro deste ano, para manter a capacidade das estruturas de segurar a água das chuvas e dar vazão a ela impedindo alagamentos no Barreiro, Região Oeste, Vilarinho e muitas outras áreas da capital. O total é de 59 mil metros cúbicos (m³) de resíduos.

A reportagem do Estado de Minas mapeou nos cursos d'água onde ocorrem os principais alagamentos como os descartes de lixo, entulho e outros tipos de resíduos ameaçam reduzir as capacidades de drenagens da capital, podendo ocasionar mais problemas (veja o mapa).

"A manutenção das bacias de retenção e das drenagens precisa ser constante, para que não ocorra uma redução da sua capacidade projetada nem bloqueios por esse material que permitam retenção de água que deveria passar e acaba ocasionando mais alagamentos. A cada período ou evento de chuva como os últimos que ocorreram, a PBH tem de dar manutenção nesses espaços. Retirar o lixo e sedimentos depositados, porque se não o fizer, a capacidade de retenção de água é reduzida, além de se tornar um vetor de doenças", observa o professor

Entulhos lançados nas vias comprometem a capacidade de drenagem de BH em pleno período chuvoso. De sacos a móveis, há de tudo dentro ou perto das redes pluviais, mapeou o EM



DRENAGEM ESTREITA DO CÓRREGO ISIDORO, EM VENDA NOVA, É CERCADA POR DESCARTES IRREGULARES DE LIXO, AUMENTANDO AINDA MAIS O RISCO DE ALAGAMENTOS



DETRITOS E OBJETOS SE MISTURAM AOS ESGOTOS LANÇADOS EM CÓRREGO, EXPONDO AO PERIGO A SAÚDE DA POPULAÇÃO LOCAL

do Departamento de Geografia e Biologia da PUC Minas, Antoniel Fernandes, que tem trabalhos de alcance internacional de urbanismo e geografia sobre as drenagens de BH.

Segundo a PBH, foram realizadas 56 intervenções de manutenção rotineira e especial nas bacias de retenção de cheias nos nove meses destacados. Foram feitas limpezas manuais e mecânicas, roçadas, desassoreamento dos reservatórios, tratamentos erosivos e recuperação de canais e contenções, limpeza e desobstrução de canais. O volume de sedimentos retirados com as intervenções de desassoreamento foi de cerca de 59 mil metros cúbicos (m³). "As mudanças climáticas têm trazido um cenário no qual os eventos extremos, com chuvas intensas e volumosas, são cada vez mais frequentes. Para esses eventos é fundamental o papel desempenhado pelas bacias de retenção", informa a PBH.

Esse volume daria para encher cerca de 1.475 caminhões-baú simples (toco) com capacidade unitária de 40m³ cada um. Se enfileirados, os veículos de carga com cerca de 8,5 metros de comprimento poderiam formar uma linha de 12.537,5 metros, que se estenderia da Praça 7 até a Pampulha, passando pelos estádios do Mineirão e Mineirinho, a Igreja de São Francisco de Assis e o Museu Casa de Juscelino Kubitschek até chegar ao Parque Ecológico da Pampulha.

Uma das piores situações observadas pela reportagem ocorre no Córrego Isidoro, no Bairro Piratininga, em Venda Nova, na altura da Avenida Padre Pedro Pinto, antes que o manancial ingresse na canalização da Avenida Vilarinho, uma das mais marcadas por históricos de inundação, prejuízos e morte. A drenagem que faz a conexão com a Vi-

larinho é muito estreita para a quantidade de resíduos depositados clandestinamente ao longo das margens do Córrego do Isidoro. Bem na abertura da estreita passagem para a Vilarinho, entre as margens de gaiolas de pedras (gabiões), a equipe do EM encontrou no início da semana passada vários descartes irregulares de lixo e de entulho. Eram restos de roupas, sobras de alimentos, embalagens de produtos eletrônicos, DVDs, meias, sacos de resíduos, tênis e outros esparramados na margem, junto a sobras de materiais de construção em outras pilhas, contendo latas de tinta vazias e cacos de cerâmica de fôrma, pedaços de tijolos, forros de PVC e outros tipos de entulho e poda.

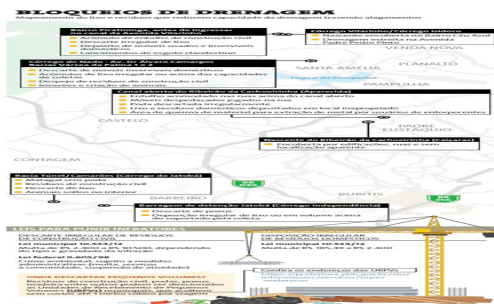
INSALUBRIDADE E PREJUÍZOS

Em caso de chuva forte, a água do Córrego Isidoro frequentemente fica barrada e alaga as casas que ficam em sua área de inundação. Uma água que já desce com uma cor escura, cinzenta, como se estivesse mais espessa do que uma água comum. O forte cheiro de esgoto e lixo é resultado dos vários canos e tubulações clandestinas que despejam esgoto doméstico diretamente no manancial ao longo de todo o curso.

A atendente Vitória Reis, de 19 anos, afirma que basta uma chuva mais forte para o córrego transbordar ali. "É difícil de passar pela rua, porque a água é esgoto puro, traz doenças e quando escoo deixa lama e barro. As crianças aqui do bairro vivem com doenças porque só têm a beira do córrego para brincar nessas condições precárias, entre os ratos e baratas", afirma a moradora.

... (continuation of the article text) ...

... (continuation of the article text) ...



**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

**Seção:** Gerais **Página:** 18 e 19